

## **Fabulando estórias e poéticas com os vírus: experimentações e(m) educações multiespécies**

### **Fable stories and poetics with virus: experiments and/in multispecies education**

### **Fabulando historias y poéticas con los virus: experimentos y/en educación multiespecies**

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>

Fernanda Monteiro Rigue<sup>2</sup>

**Resumo:** O que pode um vírus? De que maneiras esses agentes compõem estórias mundanas, terrestres, carnaís, com os humanos e não-humanos? Como eles atravessam as nossas vidas e nos afetam? E se nos colocássemos atentos e atentas aos vírus, poderíamos aprender com suas existências? Quais fabulações e estórias seriam possíveis ao devirmos com eles, vislumbrando inusitadas e inconfessáveis relações-criações? A partir destas inquietações, colocamo-nos no exercício de criar cinco breves estórias escritas e uma imagética, em fabulações especulativas movimentadas em experimentações poéticas e ficcionais. Para tal, atentamos a outros encontros já vividos e fabulados com os vírus e à potência criadora-educativa desses contatos e seus contágios afetivos, Tateando futuros ao perceber em como isso ressoa em nós e nas multiplicidades de habitar o mundo.

**Palavras-chave:** Fabulação especulativa; Educação e criação; Vírus.

**Abstract:** What can a virus do? In what ways do these agents compose mundane, earthly, carnal stories, with humans and non-humans? How do they cross our lives and affect us? And if we paid attention to viruses, could we learn from their existence? What fables and stories would be possible when we interact with them, glimpsing unusual and undeniable relationships-creations? Based on these concerns, we embarked on the exercise of creating five brief written stories and one image, in speculative fables based on poetic and fictional experiments. To this end, we will pay attention to other encounters already experienced and fabled with viruses and the creative-educational power of these contacts and their affective contagions, groping for futures by realizing how this resonates in us and in the multiplicities of inhabiting the world.

**Keywords:** Speculative fabulation; Education and creation; Virus.

**Resumen:** ¿Qué puede hacer un virus? ¿De qué manera estos agentes componen historias mundanas, terrenales y carnales, con humanos y no humanos? ¿Cómo cruzan nuestras vidas y nos afectan? Y si prestamos atención a los virus, ¿podríamos aprender de su existencia? ¿Qué fábulas y historias serían posibles cuando interactuáramos con ellas, vislumbrando relaciones-creaciones insólitas e innegables? A partir de estas inquietudes, nos embarcamos en el ejercicio de crear cinco breves relatos escritos y una imagen, en fábulas especulativas basadas en experimentos poéticos y ficcionales. Para ello, prestamos atención a otros encuentros ya vividos y fabulados con los virus y el poder creativo-educativo de estos contactos y sus contagios afectivos, tanteando futuros al darnos cuenta de cómo esto resuena en nosotros y en las multiplicidades de habitar el mundo.

**Palabras claves:** Fabulación especulativa; Educación y creación; Virus.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

## Primeiros contágios

*“[...] um querer viver e não deixar morrer”*  
Christine Greiner (2023, p. 65).

*“[...] Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes,  
nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros  
animais”*  
Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 27-28).

Todos nós temos alguma estória<sup>3</sup> com os vírus – e, na ausência delas, podemos criá-las. Eles atravessam nossos corpos, nos infectam, se misturam aos nossos genes, metamorfoseiam nossa carne. Alguns podem, sim, nos adoecer. Mas e se, para além das lógicas biomédicas e patologizantes da vida em contato com os vírus, deslocássemos e concentrássemos nossa atenção para pensar no que podemos aprender com eles?

É nisso que este trabalho investe: pensar em aprendizagens possíveis que emergem em escritas de estórias, de fabulações que ficcionalizam a vida para experimentar modos multiespécies<sup>4</sup> de se relacionar com os vírus. Para além do bem e do mal, essa escrita alinhava sensações e acontecimentos que estão no entorno do contato do humano com o vírus, com aquilo que se passa no ato imprevisível de viver, conviver e também morrer com os vírus. “Quando falamos de vida, pensamos nela como um fluxo incapturável [...]” (Sales, Rigue, Dalmaso, 2023, p. 03), e é assim que algo vem ao encontro das multiplicidades que emergem dessa relação.

Sobre os vírus, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 27-28) refletem que podemos aprender rizomaticamente a “Buscar sempre o molecular, ou mesmo a partícula submolecular com a qual fazemos aliança” já que “[...] um vírus pode conectar-se a células

---

<sup>3</sup> As estórias, conforme Donna Haraway (2023) fazem “[...] referência a narrativas fabuladas em que se mesclam fato e ficção, com especial atenção à forma da narração (...)” (p. 17). Com uma escrita baseada na ficção, as estórias pulverizam acontecimentos, nem sempre organizados, que dizem da vida e dos corpos que habitam o mundo. “Se uma profusão de estória conturbadas é a melhor maneira de contar sobre a diversidade contaminada, então é hora de tornar essa profusão parte de nossas práticas de conhecimento” (Haraway, 2023, p. 70).

<sup>4</sup> Nos inspiramos nos Estudos Multiespécies para traçar essas reflexões. Donna Haraway é uma autora que muito nos ensina acerca desse tema, sobretudo na artesanaria de cultivar emaranhados de espécies companheiras, aprendendo a viver e morrer com elas. Segundo a autora, “Meus relatos multiespécies contam sobre a recuperação em meio a histórias complexas, que são tão cheias de morte quanto de vida; tão cheias de finais, e mesmo de genocídios, quanto de inícios. Diante do inexorável excesso de sofrimento historicamente específico das amarrações entre espécies companheiras, não me interessam a reconciliação nem a restauração, mas estou profundamente comprometida com outras possibilidades mais modestas de recuperação parcial e de nos levar bem. Chamemos isso de “ficar com o problema”. Assim, procuro por narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos. Nessas estórias, os jogadores multiespécies, entremados em traduções parciais e imperfeitas através da diferença, refazem os modos de viver e morrer sintonizados com o florescimento finito ainda possível, com a recuperação ainda possível” (Haraway, 2023, p. 23).

germinais e transmitir-se como gene celular de uma espécie complexa; além disso, ele poderia fugir, passar em células de uma outra espécie, não sem carregar ‘informações genéticas’ vindas do primeiro anfitrião”. Assim, como afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 27-28) na epígrafe que abre esse texto, “[...] nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais”.

Se nos colocarmos atentos e atentas às existências virais que entram em relação com as nossas vidas, quem sabe seja possível, com elas, aprender algo. A potência metamórfica, as variações múltiplas, os rizomas (Deleuze; Guattari, 2011): são ensinamentos multiespécies que acontecem entre contágios. Entretanto, em decorrência de discursos e práticas engendrados pelas Ciências com C maiúsculo – sobretudo as Médicas e Biológicas –, restringiram-se essas microvidas ao lugar do perigo, do medo, do horror, como se fossem más, rotuladas unicamente como germes de patologias, destituindo a força criadora e relacional de, com elas, também nos afetarmos em encontros interessantes e potentes.

Existem diferentes regimes de verdade que constituem os discursos que encontramos e/ou experimentamos no cotidiano. A maior parte deles prolifera crenças baseadas no duplo saúde-doença, como se os corpos fossem meros depósitos daquilo que o regime biomédico compreende como cura ou adoecimento na modernidade colonial (Preciado, 2022). Christine Greiner (2023), na obra *Corpos crip: instaurar estranhezas para existir*, permite pensar o corpo como uma complexidade inacabada, portanto, como pluralismo e multiplicidade, para além das fronteiras, categorizações e estereótipos.

Todas as vidas carregam consigo singularidades, e o modo como cada uma se relaciona com o que encontra no mundo é rizomático (Deleuze; Guattari, 2011). O estado de cada corpo/organismo é variável. As Teorias Crip, por exemplo, tratam-se de um modo de produção de conhecimento que considera as leituras que o próprio corpo faz de si, portanto, uma forma de produção de saber político que afirma “[...] políticas para a vida” (Greiner, 2023, p. 25).

Nessa seara, as Teorias Crip apresentadas por Greiner (2023) admitem os estados de vulnerabilidade dos corpos como horizontes para a reinvenção de si, rachando a lógica de controle da vida e a expectativa de sucesso neoliberal que encontramos no presente. Viver nos parâmetros neoliberais de ativação inibe a oportunidade de prestar atenção às modulações da metamorfose, dos modos singulares de viver-e-morrer com (Haraway, 2022) os vírus. Isso porque a paralisação dos corpos, por conta das diferentes configurações que afetam a carnalidade das existências (como infecções, deficiências e possíveis adoecimentos), descaracteriza as pessoas por elas atravessadas, como se, a partir dos diagnósticos, deixassem

de lado suas subjetividades para se tornarem, então, meros ‘doentes’, mais do que corpos afetados ou, quiçá, adoecidos... logo, totalizados, despotencializados e vinculados ao regime do desencanto<sup>5</sup>.

Por isso, em uma abordagem que pensa o emaranhado multiespécie que acontece entre humanos-vírus, essa escrita se inspira nas Teorias Crip e nos Estudos Multiespécies para criar a partir de processos relacionais que dizem do contato com os vírus. Corpos diferenciados encontram na escrita fabulativa um horizonte para dar a ver e pensar a potência do que se pode em meio ao encontro e às relações com os vírus. Circular, pensar através do meio, evocar e honrar essas relações (Despret, 2023) com os vírus. Assim, experimentamos cinco escritas de histórias que acontecem em fabulações e poéticas, ficcionando o vivido ao criarmos com os vírus. “Escrever não para explicar, mas para modificar as relações, as maneiras de se relacionar” (Despret, 2023, p. 112).

Abrimos as histórias a seguir com uma imagem criada a partir da nossa apresentação de trabalho no *IX Seminário Conexões: Deleuze e Linhas e Cosmos e Educação e...*, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no período de 27 a 29 de maio de 2024. A mesma ocorreu junto a outros trabalhos do *Grupo de Pesquisas multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações* (CNPq-Labjor-Unicamp). A Imagem 1 consiste, então, em uma fotografia do que se passou em uma mesa de trabalho (Dias, 2022; 2023) com os vírus (Sales; Dias, 2024)<sup>6</sup>, na qual experimentamos histórias fabuladas com esses pequenos seres, sendo também uma ramificação – assim como este artigo – da pesquisa de pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural realizada pelo primeiro autor junto ao respectivo grupo na Unicamp e com supervisão de Susana Oliveira Dias, que investigou maneiras de aprender e comunicar com os vírus, em interfaces com as ciências, artes, filosofias, educações, e... e... Posteriormente, revisitamos registros para buscar inspirações advindas da escrita inicial do resumo e da apresentação do trabalho citado acima para a feitura deste texto de histórias fabuladas que se seguem.

<sup>5</sup> No artigo “A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença” (Sales, 2022) pensa-se em algumas dimensões de patologização e desencanto das vidas atravessadas pelo vírus HIV e afetadas pela Aids. Ver: SALES, Tiago Amaral. A Aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, n. 1, p. 1-28, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0073>. Acesso em: 13 jul. 2025.

<sup>6</sup> Algumas questões em nós ecoaram e inspiraram na feitura dessa mesa de trabalho com os vírus: “Como ficar com o problema de habitar um mundo com os vírus? Entre pandemias, infecções, mutações, contágios corporais e afectivos, de que maneiras esta coexistência multiespécie nos permite criar ao devir com, viver com e morrer com esses seres microscópicos que se situam no entre?” (Sales; Dias, 2024, [n. p.]).

## Fabulando histórias e poéticas com os vírus

Imagem 1: Devir com os vírus em mesas de trabalhos... no conexões!



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Um encontro molecular tecido ao acaso.

Gotículas de algum corpo animal carregando minúsculos corpos virais.

Um formado por células, o outro não.

Cada um com suas diferenças.

Quando se encontram, o que acontece?

Poderíamos dizer que... depende.

Depende de como está cada corpo, de como se faz esse encontro, de como ele procederá.  
Depende.

Depende também de como tecemos a nossa atenção a eles, os pequenos... vírus.

De tão diminutos, adentram onde menos podemos imaginar.

As nossas mínimas cavidades tornam-se gigantescas.

Entram e fazem uma bagunça total!

Misturam os seus genes com os nossos... humanos.

E depois, o que resta?

Outra coisa...

E antes, o que existia?

Outra coisa... diferente.

Talvez, se tantas metamorfoses que passamos com os vírus ao longo de nossa ancestralidade evolutiva, jamais fomos humanos...

Sempre fomos... uma mistura...

Não mistura qualquer, mas um resultado de certos encontros localizados...

Encontros em tempos e espaços...

Encontros intensivos,

Afe(c)tivos,

Transformativos,

Infectantes,

Desviantes,

Degenerativos,

Regenerantes,

Inventivos...

Que nos ensinam

Que nos compõem

Eis a arte de se fazer com... os vírus?

Depende,

Talvez,

Ou melhor: sim.

Também se fazer com os vírus.

\*\*\*

Você está doente.  
É preciso intervir.  
Afastese, temporariamente, do que você fazia.  
Fique recluso/a.  
É momento de se isolar.  
– A mistura entre ter de ser separado pela infecção, e viver o tempo para o corpo humano se recuperar ao intenso encontro. Que complexo é isso!  
“Existem procedimentos para tratá-lo/a”, dizem as vozes médicas.  
“Todos cientificamente validados”, repetem.  
Embora aprovados, eles causam muitos efeitos colaterais. É preciso aguentar!  
Enquanto isso, as suas marcas persistem.  
Ecoam.  
O diagnóstico, o medo e a ansiedade.  
O contato com o vírus, a doença, os cortes.  
Privações entre muitos dias e noites marcados pelas paredes brancas e geladas.  
E só.  
Sempre só.  
Ou, pensando bem, nunca só!  
Acompanhado/a: com os vírus – discursivamente e carnalmente.  
  
Falta o ar.  
A vida em cheque.  
O medo constante.  
Os sinais na pele.  
  
Confusão e zona cinza.  
O limbo.  
E agora?  
O estado de dor fala.  
Ele me testa.  
Por vezes, paralisa.  
Cenas de uma convivência complexa.  
É preciso coragem para continuar!

\*\*\*

Quanto pode nos ensinar uma com-vivência viral?  
Que força carregam estes seres acelulares?  
Potência metamórfica, tantas vezes destrutiva.  
Para além do bem e do mal, força – repito. E que força!

Só sei que passei por isso.  
Passamos...  
Agora, mudei.  
Mudamos...

Desfiz algumas compreensões.  
Me aproximei de outras.  
Aprendi a dizer não.  
A dizer sim para mim...  
Sim para o mundo, sim para nós!

Muito do que cabia já não faz sentido mais  
E as rotas imprecisas... é preciso recalcular...

O vírus, introjetado em minha vida como vilão.  
Ele me fez repensar tantas coisas...  
Reorganizar outras.  
Poderia, quem sabe, dizer que foi tudo ruim.  
Não nego que foi difícil, sim... e às vezes ainda é!  
Mas ele me permitiu metamorfosear.

Com ele, desacelerei.  
Percebi que os prazos não eram tão apertados assim.  
Que a vida é muito mais ampla e rica do que eu imaginava.  
Que o trabalho é só o trabalho e que viver é muito mais – sempre é! sempre pode ser!

O contato íntimo, interno, carnal... com o vírus me permitiu ‘espantar’ com o modo pelo qual era conduzido/a para exercer minhas atividades profissionais.

Com ele, percebi os interesses neoliberais de produção em massa constante que já ocupava a minha carne.

Por isso, fui compulsoriamente convocado/a a articular outros modos de viver.

A dor como propulsora – não romântica – da vida.

A metamorfose em sua visceralidade.

A potência de poder, enfim, mudar...

\*\*\*

Estórias com os vírus

Estórias para contar

Vivências multiespécies

Caminhos a fabular

A arte de poder

Um mundo ensaiar

Sentir os lutos

Poder experimentar

Caminhos em rizomas

Seguir a vasculhar

Perguntar ao corpo

O que pode falar

Criar alianças

Para além do bem e do mal

Tecituras éticas, estéticas, políticas

De uma existência a viralizar...

## Para não concluir

O que fica desses nossos caminhos trilhados em paisagens multiespécies, em um mundo repleto de outras vidas? Algumas reflexões nos atravessam a seguir, pensando e fabulando com os vírus:

Resta-nos, então, viver e morrer com os vírus, viver e morrer com os problemas, viver e morrer com os possíveis que se anunciam nas coexistências multiespecíficas, viver e morrer com os outros seres: viver e morrer com Gaia, criando mundos. Para tal, temos a tarefa de não olhar o que se apresenta como problema como algo ruim, mas entender que naquilo/naquele está um caminho para mudar, para devir-com, para metamorfosear. E, nesta árdua tarefa de viver-e-morrer-com, diariamente, também semear mundos possíveis, nas sombras e ruínas de outros que já não cabem mais, e precisam findar (Sales, 2024, p. 371).

Viver e morrer com (Haraway, 2022) os vírus. Aprender nessas coexistências multiespécies, mesmo em seus atritos – e, tantas vezes, intensos estragos –, em suas composições situadas em tempos e espaços, em suas ramificações rizomáticas. Uma árdua tarefa: julgar menos e compor mais. De cultivar a vida, de negar os microfascismos, de ensaiar contágios desejosos, potentes, afetivos.

Converter a vulnerabilidade em criação é uma aposta das Teorias Crip; é uma ativadora de processos que admite as diferenças como mote para desconstrução e ativação de novos modos de habitar o mundo (Greiner, 2023). Investir na atenção aos emaranhados entre espécies companheiras é outra aposta dos Estudos Multiespécies, como nos ensina Haraway (2023). Buscamos, dessa forma, traçar essas movimentações para compor estas escritas com os vírus, em fabulações de histórias possíveis que ampliem nossa capacidade de cuidado e presença no mundo.

Vinciane Despret (2023) aponta para a importância de entrar em relação, instaurar movimentos narrativos para insuflar a vida daqueles que ficam. Fazer aquilo que nos atravessa, a partir da relação com os vírus como um horizonte de fazer escritural, é dar espaço para os múltiplos e para as bifurcações. É investir na instauração da potência comunicativa daquilo que nos afeta, permitindo que novas proliferações e encantamentos comecem a florescer.

Assim, este escrito desejou agenciar, mesmo que de maneira sutil e breve, uma ecologia de experiências que metamorfoseassem o que se passou no tecido das vivências e das autoficções, a partir de conexões inéditas e fabulativas. As histórias ficcionais deram vazão a afetos que se materializaram em palavras gravadas. Elas consistem em experimentações, na

medida em que se investe nas relações com os vírus, com o que nos atravessa, com nossas vidas e com o mundo. São pequenas criações rizomáticas, metamorfoses moleculares, possíveis... com os vírus, a nos infectar.

Continuemos “[...] porque a vida continua” (Despret, 2023, p. 162)! Continuemos convivendo e fabulando com os vírus, em experimentações desejosas, em criações coletivas, em contágios afetivos!

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos: Histórias daqueles que ficam**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

DIAS, Susana. Mesas de trabalho a céu aberto. **ClimaCom – Políticas Vegetais**, Campinas, v. 9, n. 23, [n. p.], dez. 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mesas-de-trabalho/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DIAS, Susana. Um caminhar multiespécies: mesas de trabalho como modos de habitar artes, educações e comunicações diante do Antropoceno. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 1-22 (e12), 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84146>. Acesso em: 14 jul. 2025.

GREINER, Christine. **Corpos crip: instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SALES, Tiago Amaral. Diante do antropoceno: educações para viralizar mundos possíveis. **Criar Educação**, Criciúma, v. 13, n. 3, p. 350-373, 5 nov. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v13i3.8306>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de habitar o mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, e124171, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vs01>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SALES, Tiago Amaral; DIAS, Susana Oliveira. Devir com os vírus em mesas de trabalho. **ClimaCom – Desvios do “ambiental”**, Campinas, v. 11, n. 27, [n. p.], dez. 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/devir-com-os-virus2>. Acesso em: 14 jul. 2025.

### **Sobre o autor e a autora**

**Tiago Amaral Sales:** Professor Assistente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

*E-mail:* tiagoamaralsales@gmail.com

**Fernanda Monteiro Rigue:** Professora Adjunta dos cursos de Química (Licenciatura e Bacharelado) do Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICENP/UFU). Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Licenciada em Química pelo Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul (IFFar/RS).

*E-mail:* fernandarigue@ufu.br

Recebido em: 19 dez. 2024

Aprovado em: 11 jul. 2024